

sangue novo

Maurilio aponta para o futuro olhando para trás

Joana Luna Camargo

Cuica, violão de nylon, agogô, atabaque - os instrumentos que sustentam *Flecha do Avesso*, primeiro álbum solo de Maurilio, carregam o mesmo calor que atravessa as nove faixas do disco. É um samba rock que furta a vontade de ficar parado, mesmo que seja apenas um balançar de ombros. Filho de nordestinos, nascido em São Paulo, criado também no Amapá e radicado no Rio Grande do Sul há duas décadas, o compositor carrega essas geografias na própria sonoridade que constrói.

A escuta do artista também nunca teve fronteiras. "Sou filho de um trombonista do Exército. Comecei a me interessar por música ouvindo os CDs que tinha

em casa - Blitz, Legião Urbana, Djavan. Vendo a MTV, passei a gostar de Kiss e virei um *rocker*. Uma mistura danada", conta. Essa miscelânea ainda é observada hoje: "Posso estar ouvindo um disco do Deep Purple e, em seguida, ouvir um samba-enredo ou um disco de forró, sem nenhuma dificuldade".

Foi esse apetite amplo que moldou boa parte da carreira do compositor, ainda que nem sempre de forma linear. Por anos, Maurilio foi guitarrista de bandas de rock e blues. Em Pelotas, criou o projeto As Longas Viagens, pelo qual lançou dois discos de rock alternativo em 2019, até a pandemia encerrar o ciclo. "Eu entendi que tinha que iniciar um novo momento", relembra. Então, em 2021,



RICARDO ARA/DIVULGAÇÃO/JC

Radicado no RS há duas décadas, compositor lançou em agosto *Flecha do Avesso*, seu primeiro álbum solo

assinou pela primeira vez com o próprio nome, em dois singles que ainda flertavam com o rock, mas já com sotaque mais brasileiro.

A virada, segundo ele, foi mais um retorno do que uma ruptura. Antes da guitarra, vieram o violão e a MPB que tocava em casa, e o nylon nunca saiu das composições, nem nos anos mais roqueiros. Com o tempo, xote, arasta-pé e samba foram entrando no repertório, e o desafio passou a ser costurar tudo sem fazer "um disco esquizofrênico", que começasse de um jeito e terminasse de outro.

Uma das decisões mais mar-

cantes do álbum foi abrir mão da bateria e apoiar tudo na percussão, em diálogo com o samba rock dos anos 1960 e 1970 de Trio Mocotó, Originais do Samba e Jorge Ben. "Eu quis fazer isso porque também nos forçava a buscar a estética desejada", explica. Já a composição, segundo ele, costuma partir da melodia, não da letra - um método que chama de "tecnologia reversa": primeiro cantavamos ou toca uma ideia no violão, depois vai entendendo qual tema aquela melodia pede.

A produção musical é de Guilherme Ceron e a direção artística, da cantora e compositora baiana

Livia Nery, convidada para trazer um olhar de fora sobre a obra. O disco ainda tem participações de Juçara Marçal, Fernando Catatau, Tonho Crocco e Nina Fola, e sai pela Frase Records, selo que concentra nomes da cena porto-alegrense que ele admira.

Os próximos passos incluem um mini documentário sobre o disco, ainda sem data, e uma turnê pelo interior gaúcho, com passagem por Pelotas. O título do álbum, tirado de um verso da primeira faixa, resume o caminho até aqui: "É avançar olhando pro passado, para as próprias referências, para a própria história."

qual é a boa?

Toda semana, a equipe de redação do JC se mobiliza para trazer sugestões de como melhor curtir o cenário cultural de Porto Alegre. Pega o caderninho, anota as dicas e se programa para curtir o que de melhor a cidade tem a oferecer



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Papas da Língua, Vera Loca, Acústicos & Valvulados e Comunidade Nin-Jitsu (que lista!) se unem no palco do Araújo Vianna em uma grande celebração à música gaúcha. Eis a dica desta repórter, que é suspeita para falar da produção musical do nosso Estado. O show será hoje, às 20h, e faz parte do projeto *Acústico Bandas Gaúchas* - que, em sua primeira edição, lotou quatro vezes a casa de shows da Osvaldo Aranha, celebrando os 20 anos do histórico CD/DVD lançado em 2005 pela MTV. Imagina poder ouvir versões desplugadas de clássicos como *Borracho y Loco*, *Toda Molhada*, *Remédio* e tantos outros *hits*? Ainda há ingressos à venda no Sympla.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura



TÂNIA MEINERZ/JC

Se tu gostas de rock gaúcho, o lugar para estar nesta sexta-feira é o Espaço 512, na Cidade Baixa. A partir das 23h, a Shaun abre os trabalhos com seu *groove madchesteriano* e os vocais de João Carneiro, além dos *backing vocals* e da percussão de Joana Luna, repórter de Cultura do JC e a barriga-verde mais gaúcha de Liverpool. Na sequência, sobem ao palco Martin e Os Martírios, que aproveitam a noite para lançar, com pitadas de contradições, fracassos e inquietações do cotidiano, o EP *O Último Raio*. É a chance de apoiar a cena local e curtir um som para lá de maneiro. Os ingressos custam apenas R\$ 20,00 e estão à venda no Sympla.

Gustavo Marchant,
repórter do GeraçãoE



TÂNIA MEINERZ/JC

Minha dica é encerrar o fim de semana com o encontro dos Fantomaticos e Quarto Sensorial no Bar Ocidente, domingo, a partir das 18h. Fantomaticos carrega mais de duas décadas de trajetória, com uma identidade construída dentro da cena alternativa porto-alegrense - a cidade, aliás, é matéria-prima recorrente das composições da banda, presente em discos como *Esquinas*. Já o Quarto Sensorial, trio instrumental formado em 2007, transita entre *post rock*, *free jazz* e improvisação, sem se prender a fronteiras de gênero. É uma boa chance de ver ao vivo duas propostas bem diferentes entre si, mas igualmente inquietas, dividindo o mesmo palco.

Joana Luna Camargo,
repórter do JC



ARTUR KOCH/JC

No domingo, para fechar o final de semana, a clássica banda brasileira de metal Angra leva ao palco do Araújo Vianna a turnê que celebra os 30 anos do álbum *Holy Land*. O disco traz fortes raízes brasileiras tanto em seus arranjos quanto em seu formato conceitual, com letras que versam sobre a chegada dos portugueses ao Brasil no século XVI. O show é dividido em duas partes: na primeira, o álbum é tocado na íntegra - o que é uma bela e rara oportunidade. Na segunda, um passeio pelos 35 anos de carreira do Angra, em um bloco que contempla seus grandes clássicos. Música brasileira, mas com o peso do *power metal* em um dos palcos mais tradicionais de Porto Alegre.

Nathan Lemos,
videomaker do JC